

FR. PAULO FREIRE

PAULO FREIRE

“EDUCADORES DO SÉCULO XX E SUA AÇÃO NA ATUAL SALA DE AULA”

MÓDULO

CONTEXTUALIZAÇÃO E HABILIDADES OPERATÓRIAS: PAULO FREIRE ENTRE A OPRESSÃO E O SONHO

Curso livre cumprido em regime a distância

Missão

Levar aprimoramento a docentes e acadêmicos sobre importantes metodologias de ensino de forma eficiente e realizadora.

Público-alvo

Professores de Educação Infantil, do Ensino Fundamental e Médio, acadêmicos e todos aqueles que buscam capacitação e aprimoramento na área.

Elaboração, coordenação e consultoria educacional

Prof. Celso Antunes
celsoantunes@abceducatio.com.br

Certificação

Editora CRIARP

Carga horária

52h.

Conteúdo dos módulos

1. *Construtivismo e ciências da cognição:* Jean Piaget, a descoberta do cérebro e a aprendizagem significativa
2. *Avaliação significativa contra as provas mecânicas:* Lev S. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal
3. *O aluno como agente de sua pesquisa:* Célestin Freinet e a criatividade do aluno
4. *Da escola autoritária para a construção da democracia:* John Dewey e a democracia como vida
5. *Contextualização e habilidades operatórias:* Paulo Freire entre a opressão e o sonho
6. *Aulas cheias de vida com as múltiplas inteligências:* Howard Gardner entre o saber e o criar

Mais informações www.abceducatio.com.br

CONTEXTUALIZAÇÃO E HABILIDADES OPERATÓRIAS: PAULO FREIRE ENTRE A OPRESSÃO E O SONHO

MISSÃO:

Oportunizar informações conceituais sobre a vida profissional e a obra de Paulo Freire, dando destaque ao que se refere a questões relativas ao método de alfabetização que sugeriu e sua importância na exploração da aprendizagem significativa do aluno, confrontando seus estudos e pesquisas com a realidade atual da escola brasileira, a ação do professor com recursos e meios que poderá utilizar, visando reabilitar algumas idéias de Paulo Freire em seu cotidiano.

1ª PARTE

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

- Quem foi Paulo Freire? Qual a característica cultural do tempo e ambiente em que viveu?

Um brasileiro que visite Estocolmo, na Suécia, pode talvez se surpreender de ver ali colocada uma estátua de Paulo Freire, em pleno centro de uma capital de um dos mais avançados países do mundo. Nesse reconhecimento, não existe um desejo gratuito de agrado ao Brasil, mas sincera homenagem a um dos maiores pensadores do século XX.

Doutor honoris causa em 28 universidades entre as maiores do mundo, esse educador pernambucano, ainda pouco conhecido no Brasil, é reverenciado como um dos mais importantes educadores do século passado. Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, em 19 de setembro de 1921, e teve uma infância difícil. Órfão aos 13 anos, sobreviveu sem fortuna, mas formou-se em Direito, sem jamais exercer a advocacia. No começo dos anos 1960, atormentado pelo analfabetismo que ainda mais marginalizava o povo nordestino, criou um método de alfabetização para adultos, simples, mas revolucionário para seu tempo. Mostrou que em menos de dois meses poderia alfabetizar trabalhadores adultos e, mais ainda, transformá-los progressivamente em leitores conscientes. A prova da força de suas idéias se manifestou em Angicos, Rio Grande do Norte, onde em apenas 45 dias alfabetizou 300 camponeses.

Sua obra representa uma das mais sólidas esperanças de que a educação popular não é complicada e, sobretudo, que pode ser libertadora. A leitura e a compreensão crítica do entorno representam, para ele, um primeiro passo para uma

leitura do mundo e para uma reflexão sobre o estado do homem. A pedagogia de Paulo Freire, com notória tendência política, volta-se para a transformação e, nesse sentido, representa ponto muito além de uma alfabetização de adultos.

A obra de muitos educadores mostra-se preciosa, independente do contexto de seu entorno e de seu tempo. É provável que Piaget seria extraordinário, mesmo se visse antes e mesmo se fossem um cidadão de outra parte do mundo. Essa referência vale para muitos outros, mas não serve para Paulo Freire. Sua obra não pode jamais ser compreendida fora do contexto realista do processo de desenvolvimento social e econômico brasileiro durante os anos em que viveu.

O Brasil de hoje, em muitos aspectos, é diferente do Brasil em que viveu Paulo Freire e se essa transformação foi possível, deve-se entre outros a pensadores como esse pernambucano. Intelectualmente dependente de uma mentalidade colonialista, Paulo Freire cresceu na efervescência de um processo de transição entre uma sociedade rural hierarquizada e fechada, para uma outra, que se transformava em urbana e queria construir uma democracia em que o povo pudesse ser seu principal protagonista. Envolvido por esse contexto, o pensamento de Paulo Freire o transcendeu e influenciou outras terras, apoiando-se sempre no pressuposto que dá título a sua primeira obra de 1966: *A educação como prática de liberdade*. Nesta obra, define a concepção antropológica que sustenta seu pensamento e sua proposta educativa: "o homem é ser inacabado que não está largado no mundo como um cão, mas que busca se integrar em seu contexto para intervir e transformá-lo, transformando o mundo". Concebendo o ser humano não como entidade que necessita apenas se adaptar ao meio, mas como agente transformador do mesmo, o processo educativo não pode ter como objetivo apenas a transmissão de conhecimentos, dados e fatos, mas se fortalecer como um processo de libertação.

- Vida e obra de Paulo Freire

A vida de Paulo Freire, como concordam seus biógrafos, torna-se melhor compreendida quando dividida em três tempos: o de Recife, os duros tempos de Exílio e os tempos de São Paulo.

O primeiro e mais longo período compreendem as fases que viveu em Recife e Jaboatão, pontilhadas por ocorrências de uma infância pobre, mas estimulante, até 1932, quando a

família, atingida pela crise de 1929, perde a possibilidade de manter suas atividades comerciais e passa a viver em Jaboatão. Permanece em Jaboatão durante nove anos, onde conclui o curso Primário e como nessa cidade não tinha como prosseguir estudos em escola pública consegue fazê-lo com uma bolsa de estudos obtida no Colégio Oswaldo Cruz, de Recife. Nessa instituição realiza o curso pré-jurídico, como era comum nesse tempo; mais tarde inicia sua atividade no magistério, como professor de Português. Apaixona-se pela literatura, lê tudo que cai em suas mãos e, em 1943, ingressa na Faculdade de Direito de Recife. No ano seguinte, casa-se com Elza Maria Costa Oliveira, professora primária e que exerceria papel fundamental na construção de suas idéias. "Alfabetizado no quintal de sua casa com palavras riscadas na areia e que falavam de seu mundo, ainda muito jovem se torna um leitor apaixonado por literatura e idéias filosóficas e, mais tarde, casado com uma professora que lhe mostrava, passo a passo, os caminhos do ensino, Paulo Freire reconhece nessas três influências, a base do método de alfabetização que mais tarde iria imortalizá-lo".

Quando ainda professor de Português no Colégio Oswaldo Cruz e prestes a terminar seu curso de Direito, surge para Paulo uma outra oportunidade, decisiva para sua experiência de educador. É convidado a ocupar a direção do SESI que acabava de ser criado pela Confederação Nacional das Indústrias. Nesse emprego, ao descobrir que a maioria de seus clientes era formada por trabalhadores adultos na indústria, muitos analfabetos e poucos efetivamente leitores, Paulo tem a oportunidade de associar o fazer administrativo à ação pedagógica, tudo isso temperado em um clima de renovação política e idéias progressistas que agitavam o País nos anos 50 e que eram fortemente refletidas por sua sólida e diversificada formação cultural. A integração desse intenso e fervilhante pensar e fazer leva-o a definir sonhos e utopias, sem jamais se afastar do pragmatismo que sua ação pedagógica impunha.

A substituição do até então imutável formato convencional das salas de aula pela distribuição dos alunos em círculos, o emprego sistemático de técnicas de trabalho em grupo, o resgate intenso do saber e da experiência do alunado, a alternativa do diálogo à exposição sumária preparavam o clima para diálogos e para descobertas que não apenas daria base ao seu método, como fortalecia a essência de seus pensamentos de educador.

Quando emerge os anos 60, o Brasil já encontra um Paulo Freire plenamente delineado em seu pensamento político-pedagógico, dialógico e libertador, empenhado na construção de uma nova maneira de ser e agir como aluno.

Com o golpe de Estado de 1964, Paulo Freire é preso, considerado propagador de idéias subversivas e permanece 70 dias detido. O Programa Nacional de Alfabetização, que por sua inspiração fora implantado, estava extinto, e, vendo-se forçado a viajar de Recife ao Rio de Janeiro para responder

inquéritos político-militares, percebe não ser mais possível sua luta, e resolve partir para seu tempo no exílio.

Sua obra e seu método de alfabetização já ganhara conhecimento internacional e, assim, é procurado por autoridades educacionais bolivianas que o contratam para prestar assessoria educacional nesse país. Não suportando a altitude de La Paz, vive e trabalha cinco anos no Chile, quando produz algumas de suas principais obras, saindo esporadicamente para exercer atividades pedagógicas experimentais no México e nos Estados Unidos.

Mais tarde, consagrado professor na Universidade de Genebra, na Suíça, ganha liberdade para desenvolver experiências pedagógicas na Ásia, Oceania, América Latina e, sobretudo, em Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau. Seu período de exílio, ainda que pessoalmente sentido e sofrido, foi muito dinâmico e se, para muitos, ensinou, ainda mais estudou e aprendeu, amadurecendo a certeza de seu compromisso com o sonho de uma integral liberdade, através da educação.

Mostrou que os problemas da educação não são apenas de natureza pedagógica, mas também de essência política e, por ser assim, toda aula precisa ser instrumento de reflexão e de crítica e sua consciência não pode existir fora da prática. A educação bancária (aquela na qual o professor deposita conhecimento na mente dos alunos) necessitava transformar-se em uma educação libertadora que, levando à reflexão, desperta a crítica e estas levam à ação. Não é difícil imaginar como essas idéias incendiárias de Paulo Freire incomodavam uma classe detentora da fortuna e do poder, uma imprensa a ela subordinada e, sobretudo, uma ditadura militar que em seu nome, por muitos anos, governou o País.

O terceiro e último período da biografia de Paulo Freire ocorre com a gradual democratização do País e seu retorno, quando incorpora-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Campinas, exercendo também uma ação político-pedagógica como secretário municipal da Educação da cidade de São Paulo.

• Períodos significativos na vida e na obra de Paulo Freire

1921 - Nasce em Recife (Pernambuco) onde conclui seus estudos secundários e forma-se em Direito.

1944 - Casa-se com Elza Maria Costa de Oliveira, professora de Ensino Primário, que o envolve nos desafios do mundo educacional. Depois das primeiras atividades que realiza no SESI, envolve-se com o Movimento de Cultura Popular, onde desenvolve um programa de alfabetização e a criação dos Círculos de Cultura.

1963 - Convidado pelo Presidente João Goulart, inicia o desenvolvimento em escala nacional de um programa de alfabetização de adultos. O Golpe de Estado no ano seguinte põe fim a essa experiência educativa.

1964 - 1980 - Período de exílio, inicialmente no Chile, onde trabalha no Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária. Em 1969 é nomeado especialista da UNESCO e ministra aulas na Universidade de Harvard (Estados Unidos). Em 1970 muda-se para Genebra, na Suíça, onde trabalha como consultor do Conselho Mundial de Igrejas, desenvolvendo programas de alfabetização em apoio à reconstrução nacional em diferentes países africanos. Nessa época publica seus livros mais marcantes (*Extensão ou comunicação? A conscientização no meio rural e Pedagogia do Oprimido*), editado inicialmente nos Estados Unidos e, no Brasil, somente após 1970.

1980 - Retorna ao Brasil e incorpora-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Campinas.

1989 - O Partido dos Trabalhadores (PT), do qual é um de seus fundadores, vence as eleições municipais em São Paulo e é nomeado Secretário Municipal de Educação, cargo que ocupa até 1991. Desse período resultam obras como *A importância de ler e o processo de libertação* e *A Educação na Cidade*.

1992 - 1997 Retorna à Universidade, escreve suas últimas obras e, convidado, realiza em toda parte muitas conferências, sendo nomeado doutor honoris-causa por diferentes universidades internacionais. É desse período "À sombra dessa mangueira" e "Pedagogia da Autonomia". Falece no dia 2 de maio de 1997.

• Quais as maiores realizações Paulo Freire no campo da Pedagogia e em quais aspectos os pensamentos e o método Paulo Freire divergiam dos que em sua época eram considerados válidos para uma educação de qualidade?

A vida e a obra de Paulo Freire foram marcadas por alguns substantivos revolucionários, que constituem a base de um pensamento educacional que causou e causa reflexões a admiração no mundo inteiro.

No quadro abaixo, os conceitos que podem emergir desse pensamento e idéias habituais em nossa escola cotidiana e que o afrontam:

| O PENSAMENTO VIVO DE PAULO FREIRE | O DISTANCIAMENTO DESSE PENSAR EM NOSSO COTIDIANO |
|--|---|
| Homem - Um ser inacabado, que não se encontra só no mundo como uma "coisa" ou um objeto a mais, ligado ao seu entorno como um animal se liga, mas um ser capaz de se integrar em seu contexto para intervir no mesmo, com isso transformando o mundo. | Homem - Um ser completo, mas que necessita do domínio de técnicas para se desenvolver e para prosperar. Todo aluno é visto assim como "indivíduo" e sua socialização são desejáveis, ainda que essa integração social não seja um objetivo da escola em si. |
| Escola - Espaço privilegiado para que se desenvolva um conhecimento crítico como ferramenta de construção da realidade, a partir das capacidades em identificar situações e razões que determinam os contextos sociais, econômicos e culturais em que o aluno vive, no momento histórico em que vive. | Escola - Um espaço transmissor de informações que na maior parte das vezes se distancia da realidade do aluno e que são transmitidas porque fazem parte de um programa e, dessa forma, não respeita a individualidade do aluno e o contexto do lugar e do tempo em que vive. O conhecimento é propriedade específica do professor que acredita transferi-lo. |
| Processo Educativo - Como o homem é ser inacabado, chega à escola em condições de "transformação" e por esse motivo o processo educativo não pode limitar-se a transmitir informações, fatos, mapas e dados situando-se em uma acomodação e ajuste ao estabelecido, mas em um processo de compreensão e de efetiva libertação. | Processo Educativo - A função essencial do processo educativo é abastecer o estudante de informações associadas ao ajuste estabelecido. Comumente é uma educação "bancária" na qual os professores no cumprimento de seus programas "depositam" conhecimentos na mente de seus alunos de maneira acrítica. |
| Praxis Alfabetizadora - Fazer com que o aluno, ao descobrir o mundo das palavras, possa identificá-las como símbolos que o ajudem a pensar sua realidade. O analfabeto não deve ser visto como "pessoa ignorante", tendo em vista que sua experiência de vida permitiu-lhe acumular experiências e reformular seu próprio saber de forma a interpretar a realidade. As diferentes etapas de seu método têm como objetivo partir da realidade cultural do aprendiz, de seu universo temático, para relacioná-lo com suas condições de vida e com a condição de vida de seus pares. | Praxis Alfabetizadora - O aluno analfabeto é pensado como um ser com uma mente vazia para a realidade da palavra escrita e a função da alfabetização é preencher esse vazio, tendo em vista uma função prática na decodificação das palavras, como, por exemplo, saber o destino do ônibus que passa, mas jamais uma função política fazendo-o capaz de compreender e decodificar a realidade que se esconde na interpretação dos fatos, além do que a singela realidade da forma como o mesmo se apresenta. |

| O PENSAMENTO VIVO DE PAULO FREIRE | O DISTANCIAMENTO DESSE PENSAR EM NOSSO COTIDIANO |
|---|--|
| Processo de Ensino - A educação libertadora necessita desenvolver novos processos de ensino, estabelecendo uma aprendizagem dialógica, que se apóia no método de problematização. O professor não mais visto como proprietário do saber e detentor do conhecimento, mas como personagem crítico na proposição de desafios e encaminhamento de processos de procura, sabendo sempre que "ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo". | Processo de Ensino - O professor é aquele que sempre "sabe" (ou pelo menos, deveria saber) e tem diante de si alunos que "pouco" ou "nada" sabem e, portanto, o processo de ensino se inspira na aula expositiva e nas anotações que transformam o caderno do aluno em sua "caderneta de poupança", onde guarda seus conhecimentos ali depositados para seu uso nas provas. A educação é, assim, bancária e o saber, uma referência para uso eventual, quando solicitado. |
| Sonho em Educação - Toda ação educativa deve sempre perseguir um objetivo essencial, um determinado sonho, que abomina a neutralidade ou a indiferença por parte de quem educa. Isso não significa que o professor deve impor ao aluno sua opção, antes despertando o aluno para suas próprias e autênticas opções e seus sonhos. | Sonho em Educação - Quando existe, geralmente percebe a educação como uma finalidade em si mesma e a formação do aluno como a conquista de um volume de informações que lhe permite o exercício de uma profissão, por meio da qual se busca poder e prestígio. |
| Felicidade - A felicidade é sinônimo de luta e, dessa forma, somente pode ser inteiramente feliz a pessoa que acredita em si e em sua transformação e se dispõe a empreender uma caminhada em direção a essa meta, sabendo que ao atingi-la outras por certo irão surgir e dessa forma desafiar novas buscas. | Felicidade - A felicidade geralmente é associada a conquista de bens e/ou de posições e, dessa forma, busca-se a educação como quem procura uma escada para conquistando mais bens e mais elevada posição possa sentir-se distinguido dos demais. |
| Formação de Professores - A educação não pode abrir mão de uma formação técnica e científica, mas necessita também abrigar sonhos e utopias e, portanto, exige dupla leitura (palavra/mundo - texto/contexto) para que como profissional o professor se sinta sujeito da história como tempo de possibilidades e não de determinismos e ainda que saiba que a educação não possa tudo, pode contribuir para a transformação do mundo em um mundo melhor. | Felicidade - O profissional em educação é um trabalhador que maneja a aprendizagem como um mecânico a sua ferramenta, alienando-se de um significado para a transformação social. Sua racionalidade econômica sob a perspectiva da globalização desperta uma visão "fatalista" e reduz o trabalho educativo a conquista de uma técnica. |

2ª PARTE

SÍNTESE SOBRE O MÉTODO PAULO FREIRE

1. OBJETIVO - Ao alfabetizar, promover um processo de libertação, contrapondo ao conhecimento passivo e imaginado como "mágico" e apresentado de forma e maneira ingênua de encarar o mundo, um conhecimento crítico como instrumento da compreensão da realidade a partir da capacidade de desvelar as situações e razões que determinam a praxis social, cultural e econômica de um determinado momento histórico.

Ao alfabetizar, estabelecer um novo processo de ensino que entenda que a não neutralidade da educação não implica que o educador imponha sua opção política, mas com uma intervenção dialógica que leve seu aluno a descobrir-se a si mesmo, tomar consciência do que está a sua volta, apreendendo a realidade com uma consciência crítica que não pode existir fora da prática, do processo de ação reflexivo capaz de transformar o mundo.

2. FASES - Como todo aluno (trabalhador) traz sem-

pre consigo um saber popular que se gera na prática social, mas falta-lhe a compreensão solidária dos temas que tal saber origina, a ligação entre saberes e temas se dá por meio das palavras, cuja procura conduz a três momentos:

a) Pesquisa Temática:

Descobrir o mundo vivido pelo adulto através de suas palavras, expressões e modos de falar.

b) Codificação ou Simbolização da Realidade Concreta:

Fichas, desenhos, pôsteres etc. centrados em "palavras geradoras", para sua separação em sílabas e a progressiva descoberta de famílias fonêmicas existentes nas sílabas.

c) Decodificação ou o Desvendar da Realidade:

A busca do "desvendar da realidade" para compreendendo-a, transformá-la. A alfabetização se transforma assim em educação libertadora para as pessoas e os povos.

3. EXEMPLO

Para a alfabetização dos operários, geralmente chegados de áreas rurais e que construíram Brasília, a palavra geradora utilizada, e que com mais frequência se dizia, foi a palavra T I J O L O.

Essa palavra, escrita de muitas formas, é gravada inteira.

Depois separada em sílabas: TI - JO - LO.

Os alunos são levados a descobrir as famílias fonêmicas das sílabas:

TA - TE - TI - TO - TU

JÁ - JE - JI - JO - JU

LA - LE - LI - LO - LU

A partir dessa seqüência, são incentivados a formar novas palavras.

Progressivamente são apresentadas as vogais e as palavras com maior variedade e riqueza fonêmicas.

O domínio do código da escrita não poria fim ao papel do alfabetizador, ao contrário, levaria-o a propor ao aluno um progressivo esforço de auto-conhecimento e uma auto-construção e a descoberta crítica de sua condição de trabalhador, fazendo-o pensar no que representava sua ação, no valor de sua obra e na proporção desse valor que efetivamente auferia. Desnecessário destacar que essa percepção crítica não interessava a um capitalismo voltado exclusivamente para uma idéia de lucro e não para sua justa divisão e que as idéias do educador parecessem "subversivas" e contestadoras ao lutar contra a alienação do trabalhador.

• Bibliografia de Paulo Freire:

Extremamente vasta, a obra de Paulo Freire transcende os limites do País e, portanto, é possível que muitos de seus textos ainda não tenham sido devidamente catalogados. Anexamos a este texto, apenas algumas de suas obras extraídas da Cátedra Paulo Freire, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo:

- 1961. A propósito de uma administração. Recife, Imprensa Universitária, 90 p.
- 1963. Alfabetização e conscientização. Porto Alegre, Editora Emma.
- 1967. Educação como prática da liberdade. Introdução de Francisco C. Weffort. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 19 ed., 1989, 150 p.
- 1968. Educação e conscientização: extencionismo rural. Cuernavaca, México, CIDOC/Cuaderno 25, 320 p.
- 1970. Pedagogia do oprimido. New York: Herder and Herder, 1970 (manuscrito em Português de 1968). Publicado com Prefácio de Ernani Maria Fiori. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 218 p. (23 ed., 1994, 184 p.).
- 1973. Teología negra y teología de la liberación. Prefácio a edição argentina da obra de James H. Cone, A black theology of liberation. Tradução de Manuel Mercador. Buenos Aires, Editorial Carlos Lolhe, 180 p.
- 1973. Education for critical consciousness. Introdução de Denis Goulet e tradução de Myra Bergman Ramos, Louise Bigwood e Margaret Marshall. New York, Seabury Press, 164 p.
- 1973. Educación liberadora: dimensión política; educación liberadora: dimensión sociológica; educación

liberadora: dimensión metodológica. Bogotá, DEC-CIEC, 123 p.

■ 1975. Diálogo: desescolarización, estructuras, liberaciones, cambio, educación. Buenos Aires, Busqueda-Celadec, 109 p. Atas do seminário "An invitation to conscientization and deschooling - A continuing conversation". Obra em co-autoria com Ivan Illich.

■ 1976. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Tradução de Claudia Schilling, Buenos Aires: Tierra Nueva, 1975. Publicado também no Rio de Janeiro, Paz e Terra, 149 p. (8. ed., 1987).

■ 1977. Cartas a Guiné-Bissau. Registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro, Paz e Terra (4 ed., 1984), 173 p.

■ 1978. Os cristãos e a libertação dos oprimidos. Lisboa, Edições BASE, 49 p.

■ 1980. Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais. República de São Tomé e Príncipe. Ministério da Educação e Desportos, São Tomé.

■ 1980. Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Moraes, 102 p.

■ 1981. Ideologia e educação: reflexões sobre a não-neutralidade da educação. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

■ 1982. A importância do ato de ler (em três artigos que se completam). Prefácio de Antonio Joaquim Severino. São Paulo, Cortez/ Autores Associados. (26. ed., 1991). 96 p. (Coleção polêmica do nosso tempo).

■ 1987. Aprendendo com a própria história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 168 p. (Educação e Comunicação; v.19).

■ 1991. A educação na cidade. São Paulo, Cortez, 144 p.

■ 1992. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra (3 ed. 1994), 245 p.

■ 1993. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho d'água. (6 ed. 1995), 127 p.

■ 1993. Política e educação: ensaios. São Paulo, Cortez, 119 p.

■ 1994. Cartas a Cristina. Prefácio de Adriano S. Nogueira; notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo, Paz e Terra. 334 p.

■ 1995. À sombra desta mangueira. São Paulo, Olho d'água, 120 p.

■ 1995. Pedagogy of the city. New York, Continuum, 1993, 168p. Continuum, 1995, 240 p.

■ 1997. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

■ 2000. Pedagogia da indignação - cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, UNESP, 134 p.

• Considerando a escola como hoje a encontramos, o que significa aplicar nessa estrutura as idéias de Paulo Freire?

Ao se elaborar o quadro comparativo entre o significado de alguns substantivos na obra de Paulo Freire, confrontando-o com uma escola que os rejeita e opõe pensamentos antagônicos, já se respondia à questão acima e já se insinuava as dificuldades enfrentadas por esse educador em um País que por muitos anos impôs ao que chamou de "cultura do silêncio", na difícil transição entre uma sociedade fortemente hierarquizada e uma outra que se buscava construir, fazendo do povo o seu protagonista autêntico.

O que parece necessário acrescentar a aqueles substantivos é a intenção de Freire em popularizar um modelo explícito de escola, pública e popular, que buscasse pensar educação por meio de três amplos objetivos:

1. Ampliar o acesso e a permanência da população na escola

Percebe-se que desde o seu desaparecimento tem sido essa uma constante preocupação brasileira e que ainda que se possa comemorar expressivos resultados quantitativos – pois são hoje bem poucas as populações à margem da escola se comparada aos tempos de Paulo Freire – existe ainda muito a se fazer para que exista qualidade maior da educação que se pratica na escola pública. Ainda se descobre que não poucas estruturas do poder, ainda pensam escola de forma apenas estatística e que ao matricular todos, se acredita que estejam recebendo tudo quanto têm como direito. Esse erro, antevisto por Freire, levou-o a pensar em um segundo objetivo:

2. Democratização do poder pedagógico

Substituir a concepção de escola construída pelo governo e oferecida ao povo como uma dádiva, por uma outra em que se conquistaria por ser um direito cívico inquestionável e que, portanto, não seria dada por governo algum, mas por ele construído com o dinheiro do povo e que, portanto, sendo do povo deveria além de seus recursos materiais, refletir a construção de uma educação libertadora. Para Paulo Freire isso se daria por meio de conselhos escolares com caráter deliberativo e não apenas consultivo. Se a escola é efetivamente pública é ao público que a mesma pertence e, assim, cabe a esse público refletir sobre a administração e a educação desenvolvida. Alcançando essa meta, chegava-se assim ao terceiro e último objetivo que propunha:

3. O alcance da qualidade na educação

A transição que Freire propunha da escola pública que se tinha, para a escola pública que buscava construir, daria-se através de duas intervenções fundamentais: a proposta de um currículo interdisciplinar e a formação permanente de professores. Na primeira intervenção, Freire pensava na interdisciplinaridade como caminho para se chegar a transdisciplinaridade que exigem que todos os educadores partam de experiências cotidianas concretas, para através das mesmas construam o saber válido e libertador. Mas, não se

chegava à plenitude desse currículo sem uma formação permanente de professores, fazendo-os sentirem e descobrirem a dignidade de sua profissão unida à formação como prática permanente e sistematizadora da reflexão, construída com base no diálogo.

Paulo Freire foi um sonhador, mas jamais mostrou-se ingênuo. Sua biografia ensinou-o a identificar ações concretas na busca dos ideais e por isso pensava que o primeiro movimento para uma escola renovada se daria com a criação dos Círculos de Pais e Mestres objetivando a integração entre a escola e a sociedade, a contextualização da rua na aula. Através de reuniões programadas abertas ao debate permanente pensava em chegar a uma comunidade efetivamente educativa, tirando a escola pública de um espaço fechado, e transportando-a para um centro de comunicação e de aprendizagem comunitária. Muitos de seus Círculos de Pais e Mestres evoluíram para Círculos de Cultura, como espaço de formação aberto a todo o público da cidade, onde a figura do coordenador substituiu a do expositor e o diálogo substituiu a aula convencional.

Para o ano de 1964 estava previsto a inauguração no País de dois mil Círculos de Cultura, com capacidade para atender quase dois milhões de pessoas, distribuídas em grupos de 30 por círculo. Círculos de Pais e Mestres e Círculos de Cultura seriam instrumentos ativos para a construção de uma comunidade habituada a fazer do saber seu instrumento para o melhor viver.

Essas idéias foram sepultadas pelo Golpe Militar de 1964.

3ª PARTE

ANÁLISE DE UM TEXTO

O CAÇADOR DE PALAVRAS

Singularíssimo não é, com certeza, uma palavra simpática. Mas, talvez, a única que definiria bem a estranha figura de Paulinho. Baixo, falante, sempre com seu sotaque ritmado, parece que não podia conversar com uma pessoa sem nela se apoiar. Ia chegando e a primeira coisa que fazia era o abraço e para os que mal conhecia, sempre sentenciava com a mão apoiada. Jamais era visto sem seu pequeno gravador.

Com esse gravador em punho andava de lá para cá entrevistando pessoas, fazendo perguntas ou, quando via duas conversando, intrometi-se pedindo licença para gravar o que falavam. Muitos, é claro, recusavam, mas, à medida que iam conhecendo Paulinho descobriam que maldade alguma havia naquele seu hábito e não apenas concordavam, como alguns, até mesmo parece que se sentiam lisonjeados em contar seus "causos" ou anedotas ao gravador de Paulinho. Jamais corrigia o que quer que ouvisse, a não ser que descobrisse que as palavras ditas não eram verdadeiramente autênticas. Nessa situação, com brandura e graça, corrigia:

– Não, não. Não queira falar difícil. Fale do seu jeito, converse como se o gravador não existisse... Vá dizendo coisas que costuma dizer, coisas da vida que se vive, das filas que se enfrenta, do trabalho que se faz, do dinheiro que se precisa...

E assim ia Paulinho de lá para cá com seu gravador em punho, visitando pessoas nos espaços de seu mundo, gravando suas falas nos pontos de ônibus, nas gerais do futebol, nas feiras-livres... Mas, o que fazia Paulinho com essas fitas que, cuidadosamente, guardava? Para quem buscasse saber, Paulinho não impunha segredo, respondendo com sua fala mansa, o apoio da mão e seu sotaque que até no sorriso que expunha:

– Meu sonho é, um dia, libertar essa gente. Libertar porque embora não saibam, são prisioneiros. Estão aprisionados em seu medo, silenciados em seu protesto, achando que a vida que têm não pode ser melhorada. Quero libertá-los para dar-lhes direito ao sonho, mas não o sonho que só se sonha, mas aquele outro que é meta e que, buscado com sofreguidão e luta, se transforma em realidade. Sou um caçador de palavras porque são elas com certeza que poderão cortar as grades que aprisionam essa gente em seu mundo. São pessoas lindas, possuem soluções mágicas, mas são pessoas amedrontadas pelo sistema, gente que não sabe que Deus não dividiu o mundo para que alguns usufruíssem o trabalho dos demais...

– Mas, espera aí, Paulinho! Como você acha que a palavra pode libertá-los? Será que seu sonho não é mais utópico que o sonho dessa gente?

– Não. Posso ser sonhador, mas não sou ingênuo. Preciso antes de uma ajuda concreta, conhecer seu mundo para levá-lo a outro melhor, mas a única forma de identificar o mundo das pessoas é por suas palavras. Quando eu as souber, posso delas fazer ferramenta para alfabetizá-los, e mais que isso, para usar as palavras para gerar outras palavras e, dessa forma, ensinando-os a pensar, mostrar sua força e deixar claro que do sonho à ação existe o passo inevitável da compreensão da palavra. Ela corta mais que a faca, queima mais que o fogo.

E assim, atarefado pelo seu rico fazer, seguia Paulinho com a arma na mão, caçando palavras para delas fazer sonho. O sonho da justiça, a pedagogia da libertação.

4ª PARTE

APROFUNDAMENTO (SUGESTÃO DE LEITURA) E EXERCÍCIOS PARA UMA AUTO-AVALIAÇÃO

Leituras recomendadas para um aprofundamento

Criado em 1991, o INSTITUTO PAULO FREIRE reúne o legado de toda sua obra e atualiza-a, oferecendo ao mundo seu pensamento. É impossível aprofundar os estudos sobre o pensamento desse educador sem uma pesquisa: www.paulofreire.org.br

GADOTTI, M. (Coordenador)

Paulo Freire, uma bibliografia. São Paulo: Cortez Editora/UNESCO. Instituto Paulo Freire.

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, P. *A educação como prática da liberdade*. 23ª. Edição, São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. *Cartas à Guiné-Bissau*. Registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. *Consciência e história: a praxis educativa* (Antologia). São Paulo: Edições Loyola, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: 3ª. Edição, Editora Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. *A sombra desta mangueira*. 2ª. Edição. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

ALGUMAS QUESTÕES PARA UM EXERCÍCIO DE AUTO-AVALIAÇÃO*

1. Baseando-se em suas leituras faça uma análise comparativa entre a obra de Jean Piaget e Paulo Freire. O que apresentavam de "diferente" em relação ao formato clássico da aula expositiva, atualmente ainda muito praticada?

2. Que metas Paulo Freire buscava ao acreditar na importância da criação de Círculos de Cultura?

3. Quais pontos de identidade você percebe nas idéias de Paulo Freire e de John Dewey?

4. Que aspectos no método Paulo Freire vieram a se opor aos valores preconizados pelo Golpe de Estado de 1964, no Brasil?

5. Quais, entre as idéias de Freire, as que acredita diferirem essencialmente das que, atualmente, se identifica na prática pedagógica da maior parte dos educadores brasileiros?

6. Qual o papel da Transdisciplinaridade na obra de Paulo Freire?

*Estas questões não fazem parte da avaliação final, não devendo ser encaminhadas à editora.

Dúvidas e sugestões: envie um e-mail para:

Professor Celso Antunes

celsoantunes@abceducatio.com.br